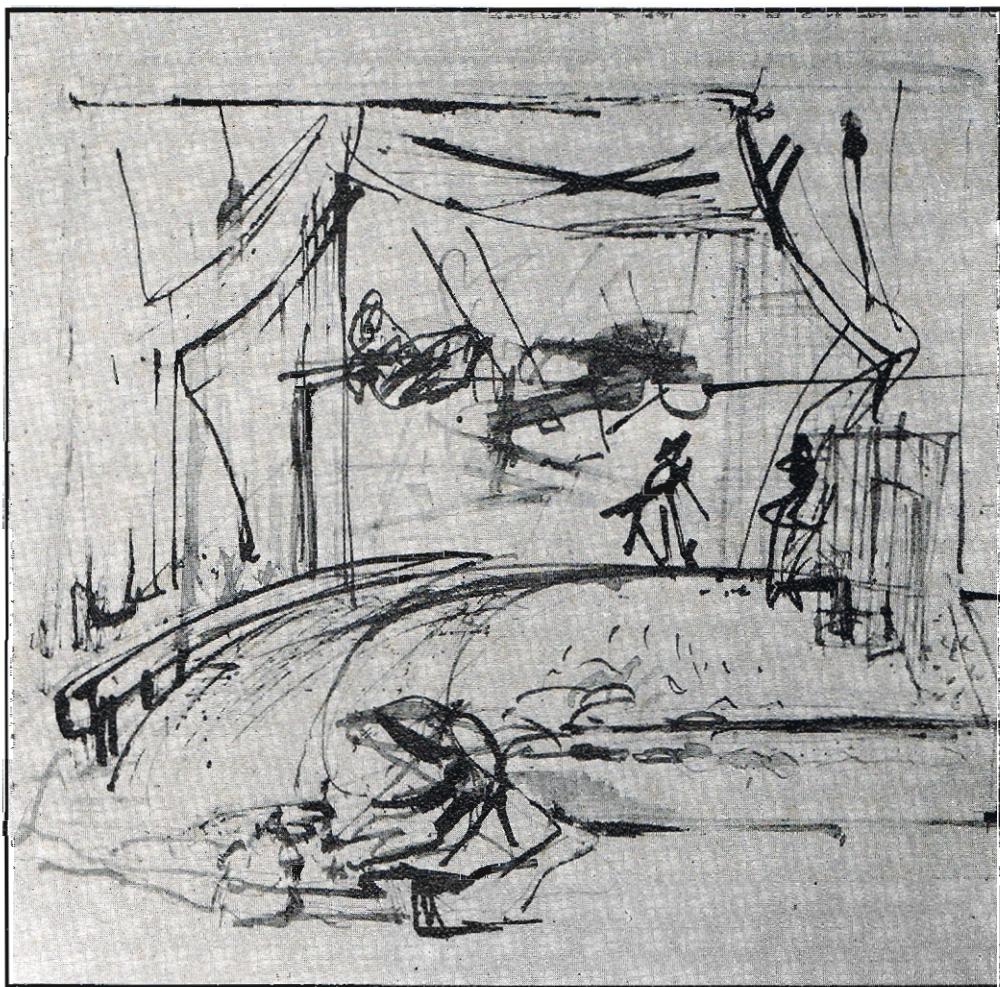
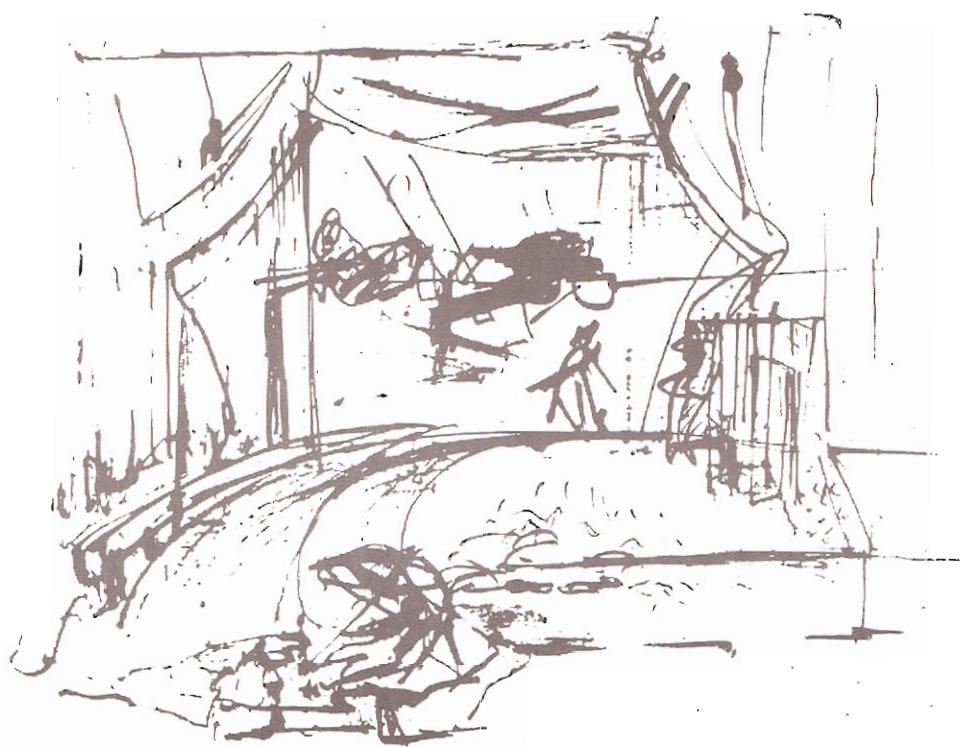


"O Menino-Rei"



JEAN PIERRE SARRAZAC

teatrodarainha



"*l'enfant roi*"

J.P. SARRAZAC.

Política Teatral

Mais uma temporada sem se fazer acontecer nada essencial. Estado e profissão de costas voltadas para o futuro. As raízes de um teatro-instituição continuam por criar. As fronteiras do anedótico e do nacional coexistem no mesmo saco. Risível, talvez trágico! Mais um ano de problema adiado: o subdesenvolvimento teatral-artístico português só se supera pela criação conjugada e consensual (poder, poderes e profissionais da arte) de estruturas de produção-formação do foro jurídico público.

O Teatro dos grupos esgotou as suas possibilidades de expansão. O território do teatro continua a ser uma pequena aldeia isolada, existindo na margem de outras aldeias pequenas: jornais, museus, literaturas, etc., todas elas verso e reverso de um mundo algo concentracional e regressivo, quase persecutório.

O Teatro português necessita como pão para a boca de se estabelecer como cidade, certamente de partidários, mas além do estreito angustiado e suicida que é o mesquinho e pequeno-lumpen-burguês seu sujeito próprio.

Quase 15 anos se passaram e tudo por fazer continua:

A tradição não se revigorou e a passo as coisas que se vão construindo/extinguindo não passam de coisas efémeras como se diz na peça que hoje apresentamos. O Teatro português é um teatro de arquipteross. Falta-lhe o essencial. A tradição como seiva enraizada e fecundadora está por conquistar. Por um teatro contemporâneo da modernidade ou post-modernidade convivente ou como quiserem os senhores, de quem, sem dúvida, a palavra é definitiva.

Teatro da Rainha



Elementos para uma Biografia

Nascido em 1946, Jean-Pierre Sarrazac, após estudo na Universidade de Paris III e um doutoramento de 3.º ciclo sob a direcção de Bernard Dort, foi durante 7 anos professor na escola do T.N.S. (1976-1983).

Hoje é mestre-assistente na Universidade de Paris X-Nanterre e responsável pelos "ateliers" de formação e pesquisa da Comédie de Caen onde desenvolveu um trabalho sobre a obra de Strindberg. Antigo redactor da revista "Travail Théâtral", criou e dirigiu em ligação com os "federados" L'Annuel du Théâtre.*

* Prémio Georges Janati de Estética Teatral (1982).

É também autor duma obra teórica de reflexão sobre as escritas dramáticas contemporâneas intitulada "O Futuro do Drama" Editions de L'Aire (1981).

Contudo Jean-Pierre Sarrazac não é só um universitário, mas também o que se chama "um homem do palco": após ter sido o dramaturgo de J.P. Lassalle no Studio-Théâtre de Vitry, encenou ele próprio vários espectáculos como "O atelier voador" de Valère Novarina (Théâtre des Amandiers, 1974), "Trompe la Mort" espectáculo de fim de curso dos alunos do grupo XVII da Escola do T.N.S. em 1978, e mais recentemente "A silhueta e a efígie "segundo Théophile de Viau

e Georges Pérec (Comédie de Caen, 1982) e o "Sonho" de Strindberg (Comédie de Caen, 1987).

Finalmente, é o autor de quatro peças das quais três já foram publicadas, representadas ou "postas no espaço": "Lázaro, também ele sonhava com o Eldorado" (P. J. Oswald, 1976), "O casa-

mento dos mortos" e "O Menino-Rei" (Edilis, 1985, coleção "théâtrales" dirigida por J. P. Engelbach et J. Pellissard), "Os Inseparáveis" (1986, inédita).

Prepara actualmente um ensaio: "O Drama Moderno ou a Rapsódia", e uma nova peça: "A paixão do jardineiro".



J. P. Sarrazac (...) escreveu muito sobre o teatro.

(...) Colaborou regularmente em "Travail Théâtral". Publicará os dois belos e ricos fascículos de "L'Annuel du Théâtre" (1983-1984). É também autor de um dos raros livros sobre a dramaturgia contemporânea que ultrapassa a anedota ou as recordações dum antigo combatente: "O Futuro do Drama".

(...) E deixo passar muitos outros textos: contribuições, divertidas e agudas, em diversos colóquios que nem sempre mereciam tanto, e um forte e útil "Práticas do Oral". Também "Escuta, Comunicação, Jogo Teatral" em colaboração com Francis Vanoye e Jean Mouchon... Tudo isso é efectivamente muita coisa: um imponente "corpus" teórico...

Jean-Pierre Sarrazac é também professor de teatro — no sentido pleno da palavra (...). No seu trabalho de ensino, prática e estudos teatrais estiveram sempre ligados (...). Tudo isso também é muita coisa e as paradas de um tal jogo de ensino "cruzado" não são pequenas.

(...) Jean-Pierre Sarrazac montou ainda espectáculos. (...) É igualmente muita obra.

Mas Jean-Pierre Sarrazac escreve para teatro. A sua primeira peça intitulava-se "Ali foi procurar Mohamed", provérbio argelino. Era em 1972.

(...) Eu não a vi e creio que também não a li. Em compensação, guardo a mais viva e a mais grata recordação do seu "Lázaro, também ele sonhava com o Eldorado".

(...) Actualmente é o autor de seis textos de teatro e meio (o meio, é inevitavelmente o que ele está a escrever

agora, mas talvez fosse necessário contabilizar vários "meio").

Não é coisa pouca!

(...) É bem sabido que os teóricos são muitas vezes fracos autores. (...) Não se passa isto com Sarrazac. É que a sua teoria é duma espécie particular e subtil. É que ela não antecipa sobre a escrita, não lhe prescreve nada. É que ela é primeiro teoria à escuta das escritas contemporâneas. Assim como a sua prática está à escuta das escritas do passado.

(...) A escrita dramática de Sarrazac vai beber na sua experiência dramatúrgica.

Afirmá-lo poderia ser uma "Lapalissada". No seu caso é fazer a constatação de uma singularidade e de uma autenticidade. Da sua coerência e da sua duração também, atrever-me-ei a profetizar. Pois não conheço outra obra dramática actual que nasça tão naturalmente do teatro tal como ele se faz (no que ele tem de melhor: Sarrazac sabe também escolher). E que encontra aí, com tanto à vontade, a sua própria autonomia.

Basta-me falar da felicidade de um encontro: o de um teórico, dum professor e de um prático numa escrita teatral. E o poder desta escrita que para retomar as palavras de Sarrazac, "insufila liberdade no que diz do mundo", naquilo que o Teatro analisado e ensinado por Sarrazac, diz do nosso mundo, do mundo dele e do nosso. Sim: Sarrazac é realmente um escritor de teatro. E não é pouco.

Bernard Dart (1986)

O Autor e a sua Criatura

A personagem de teatro (mesmo se o seu criador a isenta de qualquer destino humano, se a desfalca de tudo o que diz respeito à "pessoa" ou à "personalidade", se conserva apenas a "máscara") mantém com a morte um comércio que não é o de um simples mortal. O seu passamento não é um fim, mas uma origem. A sua morte precede sempre a sua existência fictícia, que molda e enaltece.

À nascença, esta personagem, este monstro, este Golem, esta criatura de um Frankenstein tem já a estatura de um gigante. Depois não pára de crescer; o seu esforço é o de atingir as grandiosas proporções.

No entanto, o criador não pretende ser nem demiurgo nem mistificador. Amedronta-se com o crescimento fabuloso da sua Criatura. Doravante, não terá outro objectivo senão o de conseguir destruir aquilo que acredita ter posto no mundo, senão o de expurgar o universo desse imenso cadáver vivo que eclipsa o sol e a razão. A fórmula que lhe permitiu arrancar o monstro ao nada, o criador tenta em vão invertê-la.

De facto, o escritor fautor de monstros não criou nada. Mas não o sabe, de

tão obscurecida a consciência pela sombra desmesurada da sua pseudo-Criatura. Para se libertar dessa culpabilidade persistente, terá de renunciar ele próprio a ser adulto ou de confiar na primeira criança que apareça, cujos jogos estão todos eles povoados de monstros familiares.

No teatro, a criança a quem passar o fardo da Criatura é o Actor. O actor segundo o Paradoxo de Diderot: "... Meu amigo, existem três modelos, o homem da natureza, o homem do poeta, o homem do actor. O da natureza é mais pequeno do que o do poeta e este é também mais pequeno do que o do actor, o mais exagerado de todos. Este último sobe para os ombros do precedente e encerra-se dentro de um grande manequim de verga de que é a alma; ele move esse manequim de uma forma assustadora (...) e espanta-nos (...) como os miúdos que se assustam uns aos outros segurando os seus pequenos gibões levantados acima das cabeças, remexendo-se, e imitando o melhor que podem a voz rouca e lúgubre de um fantasma que arremedam".

Jean-Pierre Sarrazac

O Menino-Rei



Se Charles Perrault voltasse e se interessasse ainda por contar histórias em que se perdem crianças, o seu relato desenrolar-se-ia certamente numa auto-estrada. Para ouvirmos a "melodia contínua" da nossa época já não é a floresta mas esse universo de asfalto e betume que temos de penetrar. Para o

"cenário sonoro" suposto pelo autor; por todo o lado pequenos geysers de palavras e de ruídos assinalam uma vida em pedaços; Uma anti-paisagem onde, de clareira em clareira e de estação em estação, se embrenham os personagens de "O Menino-Rei".

Esta mãe, este pai e o filho deles são, — somos todos — "os que partem" mas também "os que perdem". Os pais têm que fazer uma viagem, muito simplesmente; mas são constantemente imobilizados, encravados: por um acidentado que lhes vem morrer aos pés, pelo filho que se afastou demais, pelos seus espíritos distraídos ou pelos seus corpos cansados, pelo entrechocar dentro das suas cabeças de vontades contraditórias...

Tudo isto, como se costuma dizer, não teria nada de trágico, se a ficção e o teatro não acentuassem — na crueldade e no cómico mas sobretudo na sua corporalidade — o périplo de veraneio das personagens de "O Menino-Rei" e não o metamorfoseassem em via-sacra.

Vivemos todos em várias idades ao mesmo tempo: O Menino-Rei no seu corpo de trinta anos, o filho pré-histórico

que não ousa de todo sair da caverna do ventre da sua mãe, o gigante inchado a quem o homenzinho que é seu pai continua a levar pela mão; mas também Sara, simples fugitiva, que nem por isso se parece menos, no ciclo das suas deambulações e das suas violações, na obrigação de se refazer uma virgindade, com Hera, mulher de Zeus; e ainda, esses pequenos deuses, os Efémeros, caindo em bando na auto-estrada e pretendendo ordenar num segundo o caos das suas vidas; os próprios objectos, todo esse mobiliário da auto-estrada, que existem em concorrência com os humanos, sob a forma pagã e animista.

A cena — sempre original e, no entanto, moderna — pareceu-me o lugar por excelência onde tornar visível a coexistência em nós mesmos do mais arcaico e do mais actual.

Jean-Pierre Sarrazac



Um Rei Menino. Que herda? Coroa e
ceptro de medos cuidados com esmero.
O casal, identidades anuladas, poli-
ciando a sua coisa criada, nula; rei de
pânicos. O corpo informe, inágil, inca-
paz. Menino, natureza vigiada.

A auto-estrada: terra de ninguém, só
de solitários: Sara, o cantoneiro o
reverso, a margem como a própria
vida-vital.

Se lá chegámos, a matéria tão sensí-
vel? Não sei. Cansados de tanta pre-
cridade. Nós próprios como o menino, no
meio desta floresta de feras cegas, de
indiferenças autoritárias, à espera de um
acidente previsto com hora marcada.

Fernando Mora Ramos

"... E o menino voltará a nascer ama-
nhã, nas horas normais de serviço". (*)
Nascerá com 33 anos, de um parto difí-
cil, e morrerá, tal como nascem e mor-
rem músicas e músicos, peças e
actores.

Assim, uma passagem efémera e
ignorada.

Logo, quando as luzes do teatro se
apagarem, as portas se fecharem e o
espectador voltar para casa, só ficará o
ruído, porque, como apontou o Fernando
Mora Ramos, em nota ao autor destas
linhas, "o silêncio é de outros
tempos"....

Carlos Alberto Augusto

(*) — Moisés Espírito Santo in "D.L.".

O Teatro da Rainha



<i>Direcção</i>	Fernando Mora Ramos José Carlos Faria Victor Santos
<i>Secretária</i>	Isabel Leitão
<i>Elenco</i>	António Plácido Fernando Mora Ramos Gil Filipe Isabel Leitão Isabel Lopes Isabel Muñoz Cardoso José Carlos Faria José Eduardo José Mora Ramos Victor Santos Waldemar de Sousa
<i>Direcção Artística</i>	Fernando Mora Ramos / José Carlos Faria
<i>Responsável Musical</i>	Carlos Alberto Augusto
<i>Cenógrafo</i>	José Carlos Faria
<i>Criação Gráfica</i>	Edgar Marcelo
<i>Luminotecnia</i>	José Eduardo / António Plácido
<i>Construção e Montagem de Cenários</i>	José Lemos
<i>Ajudantes de Cena</i>	Natália Ferreira e Telmo Ferreira
<i>Fotografias</i>	Joaquim António Silva
<i>Colaboradores</i>	Teresa Gonçalves, António Galhano, Carlos Galiza, José Correia, Helena Santana

Espectáculos realizados até à data:

10/03/85 — «FALATÓRIO DE RUZANTE, desertor da guerra» — Ângelo Beolco

14/05/85 — «AUTO DE S. MARTINHO» / «FARSA DO HORTELÃO» Gil Vicente,
Henrique da Mota

28/06/85 — «TANTAS MANEIRAS DE ENGANOS» — Gil Vicente

20/09/85 — «A HORA DO LOBO» — Christoph Hein

12/12/85 — «O FIM DO PRÍNCIPIO» — Sean O'Casey

28/02/86 — «O HERDEIRO DE ALDEIA» — Marivaux

15/08/86 — «QUEM TEM FARELOS?» — Gil Vicente

28/11/86 — «FILOCTETES» — Heiner Müller

24/07/87 — «OS RÚSTICOS» — Carlo Goldoni

07/12/87 — «KRAPP — A ÚLTIMA GRAVAÇÃO» — Samuel Beckett

295 representações

26 543 espectadores

(média 90,5)

16 distritos

45 concelhos

66 localidades

4 nomeações para os prémios Garrett da SEC (1986/1987)

Prémio especial da Crítica em 1986 pelo "conjunto da obra produzida".



M· OF N· S· D· das nesses cidades Antº Amº Prº de
Aguilar, q· eslando em prigo devida se lambru dadila
S· logo reconheceu milhoras a sua S·
Baldos No Anno D· 1872

"Se se salvar, dedico-lhe todo o meu tempo"
"O acidente foi a sua longa doença"
"Sem ele, já não me sinto viver"

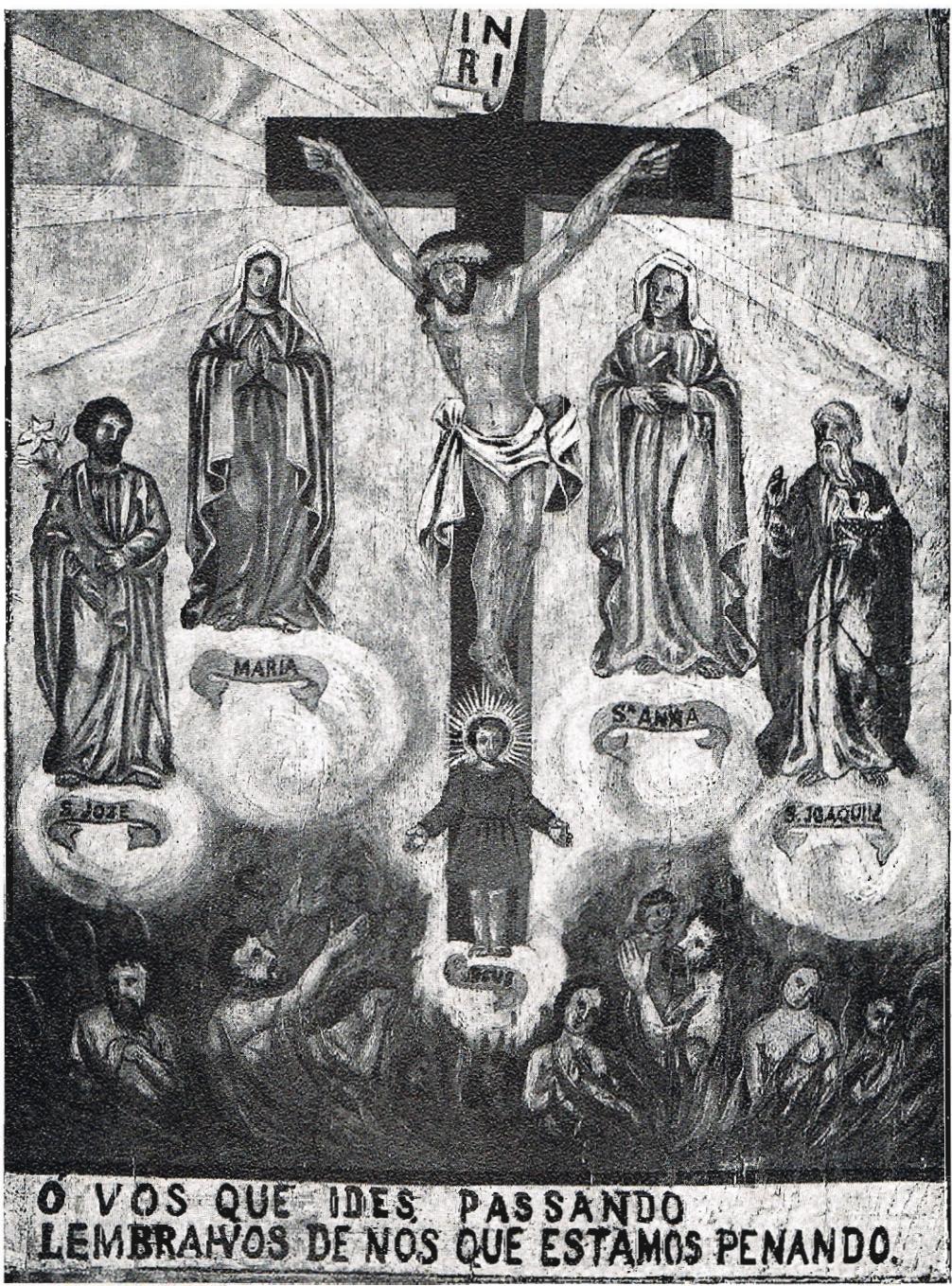
Ficha Técnico-Artística

“O MENINO-REI” de Jean-Pierre Sarrazac

<i>Tradução</i>	Eduarda Dionísio
<i>Encenação</i>	Fernando Mora Ramos
<i>Cenografia</i>	Alain Gauvin
<i>Música</i>	Carlos Alberto Augusto
<i>Figurinos</i>	José Carlos Faria
<i>Interpretação</i>	
A MÃE	Isabel Lopes
O PAI	Gil Filipe
O MENINO	Fernando Mora Ramos
SARA	Isabel Leitão
O HOMEM	Waldemar de Sousa
O CANTONEIRO	José Eduardo
O ACIDENTADO E	
O ÚLTIMO EFÉMERO	José Mora Ramos
QUIDAM	José Carlos Faria
VOZES DOS EFÉMEROS	Isabel Muñoz Cardoso, Carlos Galiza, Carlos Alberto Augusto, José Carlos Faria, Luís Raposo, Filipe Rebelo, Víctor Belém, Víctor Santos etc...
<i>Construção e maquinista de cena</i>	José Lemos
<i>Iluminação</i>	José Eduardo/António Plácido
<i>Ajudante de maquinista</i>	Telmo Ferreira
<i>Operador de Luz</i>	António Plácido
<i>Operador de Som</i>	Carlos Galiza
<i>Execução do Guarda-roupa</i>	Amélia Varejão
<i>Construção do “Jogo da auto-estrada”</i>	Filipe Rebelo
<i>Cartaz</i>	Edgar Marcelo
<i>Fotografias</i>	Joaquim António Silva

ESTREIA — 16 de Março de 1988
(Co-produção com o Instituto Franco-Português)

Subsídio: Secretaria de Estado da Cultura



Ó VOS QUE IDES PASSANDO
LEM BRAVOS DE NOS QUE ESTAMOS PENANDO.

"... P'rá escola vai o menino Jesus, ao ombro leva a sua cruz"